

Denise Rocha
(Organizadora)

Matizes na Literatura Contemporânea 2



Atena
Editora
Ano 2021

Denise Rocha
(Organizadora)

Matizes na Literatura Contemporânea 2



Atena
Editora
Ano 2021

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido

Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília

Prof^ª Dr^ª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás

Prof^ª Dr^ª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Prof^ª Dr^ª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina

Prof^ª Dr^ª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília

Prof^ª Dr^ª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina

Prof^ª Dr^ª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra

Prof^ª Dr^ª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras

Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria

Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia

Prof^ª Dr^ª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco

Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará

Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí

Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas

Prof^ª Dr^ª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Prof^ª Dr^ª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará

Prof^ª Dr^ª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma

Prof^ª Dr^ª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá

Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados

Prof^ª Dr^ª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino

Prof^ª Dr^ª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof^ª Dr^ª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Prof^ª Dr^ª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás

Prof^ª Dr^ª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná

Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Secconal Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Antonio Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar

Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Fabiano Eloy Atilio Batista – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR

Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz
Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Maria Alice Pinheiro
Correção: Giovanna Sandrini de Azevedo
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadora: Denise Rocha

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)	
M433	Matizes na literatura contemporânea 2 / Organizadora Denise Rocha. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.
	Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-65-5706-703-1 DOI 10.22533/at.ed.031212701
	1. Literatura. I. Rocha, Denise (Organizadora). II. Título. CDD 801
Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166	

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

APRESENTAÇÃO

A coleção “Matizes da literatura contemporânea 2” é uma obra que tem como foco principal a discussão científica por intermédio de catorze capítulos: 1- Literatura e Resistência: ecos da opressão no romance *Selva Trágica*, de Jesuíno Arvelino Pinto; 2- “Colheita” e “Penélope”: um diálogo intertextual, de Neila da Silva de Souza; 3- Narrativas imagéticas, históricas e histórico-ficcionais: *Musa Praguejadora: a vida de Gregório de Matos* (2014), de Ana Miranda, de Denise Rocha; 4- Vermelho Amargo: Doce amor de mãe, de Neila da Silva Souza; 5- Narrativa diaspórica e posicionamento na relação entre ocidente e oriente, de Loiva Salete Vogt; 6- Do quadrado ao círculo: projetos de máquinas de leitura das narrativas de Julio Cortázar e Amílcar Bettgega, de Adriana de Borges Gomes e Mike Sam Chagas; 7- A moenda e a saudade: pintura e música em Da Costa e Silva, de Raimunda Celestina Mendes da Silva; 8- *Contagem Regressiva*, um experimento poético de Ana Cristina César, de Dulce Maurília Ribeiro Borges; 9- O discurso jovem: construção e avaliação através da literatura de cordel, de Paulo Roxo e Claudia Regina Lemes; 10- “Ele vai ser famoso, uma lenda”: o fenômeno cultural *Harry Potter*, de Fellip Agner Trindade Andrade; 11- Em cena: a bruxa, a diva dos contos de fadas, de Valdiney Valente Lobato de Castro; 12- A relação entre personagens e experiências em leituras literárias de alunos de anos iniciais: um estudo, de Rosa Maria Hessel Silveira, Edgar Roberto Kirchof e Maria Isabel Dalla Zen; 13- Por uma teoria da literatura aplicada como campo específico dos estudos literários, de Michelin Madureira Lage e 14- Alteridade na literatura feminina, de Valdivia Vania Siqueira Beauchamp.

O volume abordará de forma categorizada e interdisciplinar trabalhos, pesquisas e relatos que transitam nos vários caminhos da literatura e suas relações com as outras ciências e artes, a teoria e o ensino.

O objetivo central foi apresentar de forma categorizada estudos desenvolvidos em diversas instituições de ensino e pesquisa do país. Em todos esses trabalhos a linha condutora foi, de um lado, o aspecto relacionado às abordagens das tendências contemporâneas das obras literárias: hibridização das formas, intertextualidade, experimentalismo, polifonia, paródia, ironia, dialogismo, metaficção historiográfica, discurso, criação coletiva etc. Os temas escolhidos refletem o diálogo interartístico e interdisciplinar da literatura, imerso nas reflexões sobre a sociedade contemporânea: exílio, gênero, preconceito, cultura, oralidade, classe social, exploração, etnia, testemunho, opressão, entre outros. E, de outro, a aplicabilidade do letramento literário.

Temas diversos e interessantes são, deste modo, discutidos aqui com a proposta de fundamentar o conhecimento de todos aqueles que de alguma forma se interessam pela literatura em seus aspectos interdisciplinares.

Deste modo a obra “Matizes da literatura contemporânea 2” apresenta uma teoria bem fundamentada nos resultados práticos obtidos pelos diversos professores e

acadêmicos que arduamente desenvolveram seus trabalhos que aqui serão apresentados de maneira concisa e didática. Sabemos o quão importante é a divulgação científica, por isso evidenciamos também a estrutura da Atena Editora capaz de oferecer uma plataforma consolidada e confiável para estes pesquisadores exporem e divulguem seus resultados.

Denise Rocha

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
LITERATURA E RESISTÊNCIA: ECOS DA OPRESSÃO NO ROMANCE <i>SELVA TRÁGICA</i> Jesuino Arvelino Pinto DOI 10.22533/at.ed.0312127011	
CAPÍTULO 2	13
“COLHEITA” E “PENÉLOPE”: UM DIÁLOGO INTERTEXTUAL Neila da Silva de Souza DOI 10.22533/at.ed.0312127012	
CAPÍTULO 3	25
NARRATIVAS IMAGÉTICAS, HISTÓRICAS E HISTÓRICO-FICCIONAIS: MUSA PRAGUEJADORA: A VIDA DE GREGÓRIO DE MATOS (2014), DE ANA MIRANDA Denise Rocha DOI 10.22533/at.ed.0312127013	
CAPÍTULO 4	43
VERMELHO AMARGO: DOCE AMOR DE MÃE Kátia de Oliveira Carvalho Marília Gabriela Barros de Moraes Claudia Miranda da Silva Moura DOI 10.22533/at.ed.0312127014	
CAPÍTULO 5	52
NARRATIVA DIASPÓRICA E POSICIONAMENTO POLÍTICO NA RELAÇÃO ENTRE OCIDENTE E ORIENTE Loiva Salete Vogt DOI 10.22533/at.ed.0312127015	
CAPÍTULO 6	59
DO QUADRADO AO CÍRCULO: PROJETOS DE MÁQUIAS DE LEITURA DAS NARRATIVAS DE JULIO CORTÁZAR E AMILCAR BETTEGA Adriana de Borges Gomes Mike Sam Chagas DOI 10.22533/at.ed.0312127016	
CAPÍTULO 7	71
A MOENDA E SAUDADE: PINTURA E MÚSICA EM DA COSTA E SILVA Raimunda Celestina Mendes da Silva DOI 10.22533/at.ed.0312127017	
CAPÍTULO 8	78
<i>CONTAGEM REGRESSIVA</i> , UM EXPERIMENTO POÉTICO DE ANA CRISTINA CESAR Dulce Maurília Ribeiro Borges DOI 10.22533/at.ed.0312127018	

CAPÍTULO 9	92
O DISCURSO JOVEM: CONSTRUÇÃO E AVALIAÇÃO ATRAVÉS DA LITERATURA DE CORDEL	
Paulo Roxo Barja Claudia Regina Lemes	
DOI 10.22533/at.ed.0312127019	
CAPÍTULO 10	102
“ELE VAI SER FAMOSO, UMA LENDA”: O FENÔMENO CULTURAL <i>HARRY POTTER</i>	
Fellip Agner Trindade Andrade	
DOI 10.22533/at.ed.03121270110	
CAPÍTULO 11	108
EM CENA: A BRUXA, A DIVA DOS CONTOS DE FADAS	
Valdiney Valente Lobato de Castro	
DOI 10.22533/at.ed.03121270111	
CAPÍTULO 12	118
A RELAÇÃO ENTRE PERSONAGENS E EXPERIÊNCIAS EM LEITURAS LITERÁRIAS DE ALUNOS DE ANOS INICIAIS: UM ESTUDO	
Rosa Maria Hessel Silveira Edgar Roberto Kirchof Maria Isabel Dalla Zen	
DOI 10.22533/at.ed.03121270112	
CAPÍTULO 13	128
POR UMA TEORIA DA LITERATURA APLICADA COMO CAMPO ESPECÍFICO DOS ESTUDOS LITERÁRIOS	
Micheline Madureira Lage	
DOI 10.22533/at.ed.03121270113	
CAPÍTULO 14	145
ALTERIDADE NA LITERATURA FEMININA	
Valdivia Vania Siqueira Beauchamp	
DOI 10.22533/at.ed.03121270114	
SOBRE A ORGANIZADORA	151
ÍNDICE REMISSIVO	152

CAPÍTULO 11

EM CENA: A BRUXA, A DIVA DOS CONTOS DE FADAS

Data de aceite: 04/01/2021

Valdiney Valente Lobato de Castro

<http://lattes.cnpq.br/3689026168473632>

RESUMO: Quase sempre odiada pelos leitores, a bruxa é a figura detentora dos atributos vilanescos mais recorrente nos contos clássicos por excelência. Apesar de ser a personificação do mal, a leitura atenta dos clássicos infantis, à luz de autores como CASHDAN (2000), CORSO e CORSO (2006), BETTELHEIM (1980), pode revelar a importância dessa personagem para além de uma mera contraparte negativa nas histórias infantis, mas sim como uma representação dos desejos psicanalíticos mais profundos das crianças, os quais precisam ser contidos. Diante disso, o objetivo deste estudo é analisar o papel da bruxa em contos como Branca de Neve, Cinderela, Rapunzel, A bela adormecida, A bela e fera e O magico de Oz, a fim de perceber como essas terríveis personagens são representadas, como evoluem na narrativa, que motivação elas possuem na trama e que final lhes é atribuído. Todo esse exame ajuda a refletir sobre os temores mais comuns nos infantes, para os quais os contos foram primeiramente construídos, bem como a compreender o papel da bruxa como um elemento singular nos contos de fadas.

PALAVRAS - CHAVE: Bruxa. Contos de fadas; Literatura infantil.

IN SCENE: THE WITCH, THE DIVA OF FAIRY TALES

ABSTRACT: Almost always hated by readers, the witch is the figure with the most recurring villainous attributes in classic stories par excellence. Despite being the personification of evil, a careful reading of children's classics, in the light of authors such as CASHDAN (2000), CORSO and CORSO (2006), BETTELHEIM (1980), can reveal the importance of this character beyond a mere negative counterpart. in children's stories, but as a representation of children's deepest psychoanalytic desires, which need to be contained. Therefore, the objective of this study is to analyze the role of the witch in tales such as Snow White, Cinderella, Rapunzel, Sleeping Beauty, Beauty and the Beast and The Wizard of Oz, in order to understand how these terrible characters are represented, as they evolve in the narrative, what motivation they have in the plot and what end is attributed to them. All of this examination helps to reflect on the most common fears in infants, for which tales were first constructed, as well as to understand the role of the witch as a unique element in fairy tales.

KEYWORDS: Witch. Fairy tale; Children's literature.

1 | INTRODUÇÃO

A compreensão mais antiga das bruxas remonta às mulheres que possuíam conhecimentos herdados de seus antepassados: eram aquelas que, em meio à rusticidade e às carências de assistências especializadas,

encontravam na natureza meios de auxiliar no amparo das pessoas necessitadas, por isso exerciam o papel de parteiras, enfermeiras, benzedoras, quase sempre se utilizando de ervas naturais, de rezas, de simpatias e, até mesmo, de maldições. Esse saber mítico promove uma imagem da mulher assinalada por possuir poderes sobrenaturais, o que, de igual modo, favorece e assusta o grupo social do qual faz parte.

Essa concepção ajuda a compreender, desde essa origem, o quanto a imagem dessas feiticeiras é relacionada às questões maléficas: mesmo elas possuindo um saber que as promove como figuras detentoras de saberes muitas vezes necessários à comunidade, são esses mesmos conhecimentos que as tornam hostis à ordem social. Isso ocorre exatamente por serem alheias ao controle do mundo dos homens e por terem poderes sobrenaturais, que não conseguem ter explicações racionais.

A partir daí é fácil deduzir como se construiu esse conceito de que as bruxas precisam morar em um local afastado do grupo social, que apesar de necessitar de seus serviços, não as compreende e as abomina. E em meio a essa demonização surge a aparência de uma mulher velha, feia, vestida de andrajos, quase sempre acompanhada de um animal preto, um gato ou um corvo. A partir do isolamento na floresta, essa mulher passa a ser promovida como uma figura aterrorizante e vários elementos são utilizados para compor essa imagem: a vassoura, para facilitar sua locomoção às aldeias; o caldeirão, para realizar seus feitiços; e a gargalhada horrenda, para acirrar o tom apavorante.

Está, desse modo, criada a imagem do mal personificado, a adoradora do demônio, o que ajuda a entender o porquê da caça às bruxas, promovida pela Inquisição que levou, nos idos de 1560 a 1660, a milhares de execuções, por toda a Europa, de mulheres queimadas na fogueira, por serem acusadas de falsear o controle divino, manipulando ervas e curando doenças. Juntamente com essas acusações as bruxas eram incriminadas por fazerem pactos demoníacos, favorecendo a demonização da personagem no imaginário popular.

Toda essa carga hedionda pode provocar um questionamento acerca da impressão da criança ao se deparar com a bruxa na leitura dos contos de fadas. No entanto, é preciso lembrar que essas narrativas têm origem nas tradições orais reproduzidas nas aldeias, contadas de geração em geração e não feitas especificamente para entreter o universo infantil.

Mesmo o primeiro autor a escrever um livro destinado ao público infantil, o francês Charles Perrault, ao organizar o livro *Contes de ma mère l'Oie* (Contos da mamãe Ganso), em 1697, baseou-se em narrativas populares e as adaptou segundo os aspectos moralizantes, mas isso não exclui cenas pouco condizentes às crianças, como a morte de Chapeuzinho Vermelho no final da história homônima, ou o desejo incestuoso do pai pela filha, no conto *Pele de Asno*.

Da mesma maneira, os irmãos Grimm, ao coletarem as mais de duzentas narrativas do povo para comporem o livro *Histórias de Crianças e do lar*, escrito em 1812, ao fazerem a primeira edição, não pouparam aspectos pouco edificantes, como a gravidez de Rapunzel,

por exemplo.

De todo modo essas narrativas, açucaradas ou não, para amenizar o impacto às crianças trazem, quase sempre, a bruxa como perfeita construção de vilania, por isso nenhuma figura maléfica é mais recorrente nos contos de fadas do que a bruxa: ogros, duendes, feiticeiros e lobos não são tão presentes quanto elas.

2 | MÃES, MADRASTAS E BRUXAS

Uma boa observação no universo dos contos clássicos vai revelar o quanto essas histórias são construídas em torno de mulheres: geralmente a trama se passa em torno de uma princesa e uma bruxa. A figura masculina, muitas vezes, é o príncipe que só aparece no final, quando o conflito já está resolvido, apenas para garantir o final feliz, ou o pai, que na maioria das vezes está ausente e não compartilha dos dilemas da filha.

Isso se dá por que a projeção da figura da mãe na criança acaba por dividir-se em boa mãe, aquela que satisfaz todos os desejos, e mãe ruim, aquela que diz o não. Como a mãe é o elemento mais presente na vida do infante, ela começa a inaugurar o princípio de bondade e maldade, comum na primeira infância. Surge daí a importância dos contos de fadas:

Ao transformar as divisões do eu em uma aventura que coloca as forças do bem contra as forças do mal os contos de fada não apenas ajudam as crianças a lidar com as forças negativas presentes no eu, mas também homenageiam o papel fundamental que as mães têm na gênese do próprio eu. (CASHDAN, 2000, p. 45)

Ao abordar as forças negativas do eu, os contos de fadas ajudam as crianças a lidarem com os conflitos internos presentes no processo de desenvolvimento, por isso os temas dos contos geralmente tratam de problemas muito comuns no universo infantil: o medo do abandono, em João e Maria, a vaidade, em Branca de Neve, ou a inveja, em Cinderela.

Desse modo, ao defrontar-se com a leitura dessas narrativas, a criança tem a possibilidade de harmonizar dentro dela mesma as soluções para suas dúvidas mais íntimas. Para tanto, o universo simbólico dos contos de fadas, ao apresentar o bem e o mal muitas vezes personificados em personagens, auxilia a criança a equilibrar a dualidade presente dentro dela, a partir do triunfo da bondade. Assim ao mesmo tempo em que o conto de fadas diverte as crianças, ajuda-as a se conhecerem melhor e desenvolverem sua personalidade, isso ocorre por que não é só o dilema que é resolvido, mas também a presença do final feliz que surge como um destino almejado por todos. Sobre o benefício dessas narrativas, Bruno Bettelheim assegura:

Os contos de fadas têm um valor inigualável, conquanto oferecem novas dimensões à imaginação da criança que ela não poderia descobrir verdadeiramente por si só. Ainda mais importante: a forma e estrutura dos contos de fadas sugerem imagens à criança com as quais ela pode estruturar seus devaneios e com eles dar melhor direção à sua vida. (...) O conto de fadas é orientado para o futuro e guia a criança – em termos que ela pode entender tanto na sua mente inconsciente quanto consciente – a abandonar seus desejos de dependência infantil e conseguir uma existência mais satisfatoriamente independente. (BETTELHEIM, 1980, p.16-18)

E a melhor figura para simbolizar todos esses desejos que precisam ser superados é a bruxa. Elas representam a força do mal, apresentam-se impreterivelmente envolvidas em batalhas contra o bem. As bruxas em suas performances diversificadas utilizam-se de seus poderes mágicos para realizar maldades, sendo impossível pensar em um bom conto de fadas sem sua presença, contrapondo-se à felicidade completa do herói e da mocinha, e testando-os a cada momento. Sheldon Cashdan caracteriza bem a importância dessa personagem para as narrativas:

Ela é a diva, a figura que dimensiona a luta entre o bem e o mal. A bruxa tem a habilidade de colocar as pessoas em transe mortais – e, com a mesma facilidade, trazê-las de volta à vida. Capaz de conjugar encantamentos e preparar poções mortais, ela tem o poder de alterar a vida das pessoas. Poucas figuras, num conto de fada, são tão poderosas ou cheias de autoridade como as bruxas (CASHDAN, 2000, p. 47)

O papel desta personagem tão temida dentro dos clássicos infantis é extremamente importante para a criança, pois ao mesmo tempo em que desperta angústias, esta personagem má ajuda a criança a elaborar sentimentos que são essenciais à sobrevivência humana, tais como o medo, a solidão, a morte, entre outros temas. O poder das bruxas dentro dos contos de fadas significa perceber que a criança precisa reconhecer a existência do mal, e a batalha do herói com a bruxa representa o triunfo do ego sobre as tendências negativas que há dentro de cada pessoa.

Nos clássicos infantis muitas vezes a representação da bruxa relaciona-se com a figura da madrasta que também personifica a maldade. Muitas vezes a criança tem dificuldade de compreender a parte má presente em suas mães e por isso cria a compreensão de que esse lado perverso pertence a outra mulher. A madrasta dos contos de fada representa exatamente esse lado negativo que toda criança cria a respeito de sua mãe, quando esta não satisfaz suas vontades.

A mãe má, personificada na figura da bruxa, ajuda a preservar a mãe boa dos ataques sádicos da criança. Quanto mais intensa a fantasia sádica dirigida aos pais, maior a necessidade de a criança manter as figuras dos pais bons, protegidas e separadas. Ao internalizar essas figuras más, a criança intensifica seu contato libidinal com seus objetos externos. Procura segurança na pessoa real da mãe, distanciando-a de sua figura interna (...). A figura da bruxa, ou da madrasta má, simboliza justamente as dificuldades entre mãe

e filho no processo pré-edípico. A figura da mãe, projetada na madrasta ou bruxa, alivia o ódio entre mãe e filho. (RADINO, 2003, p. 141)

Assim, a criança pode sentir raiva da madrasta sem macular a imagem da mãe, por isso que nos contos de fadas o papel da mãe é diminuto: ela não está presente na narrativa, ou já está morta, ou está ausente por qualquer outro motivo de modo que a trama pode se centrar na princesa e a madrasta, que muitas vezes metamorfoseia-se literalmente em uma bruxa, como ocorre em uma das versões de Branca de Neve.

Com essa preservação da imagem da mãe, ausente no conto, a criança, ao projetar-se na protagonista, enfrenta as maldades da madrasta e, inconscientemente, incorpora na sua personalidade características positivas que a ajudarão no seu desenvolvimento interior. É desse modo que simbolicamente essas narrativas contribuem beneficentemente para a formação da índole dos leitores.

Se o papel do conto de fada é contribuir para a composição da personalidade da criança, a mãe precisa mesmo estar ausente. A presença da mãe funcionaria como uma atitude ativa e protetora e minimizaria o papel da princesa, que teria um papel passivo na narrativa. Como a criança, ao entreter-se com as histórias, projeta-se nas princesas, ela precisa independentemente encontrar meios para destruir a bruxa, ou seja, a representação do lado negativo que pode aflorar dentro dela mesma.

Madrastas e bruxas são o exemplo clássico e presente da nossa dificuldade em aceitar a “mãe má. Ao invés de nos defrontarmos com nossos ressentimentos com a figura da mãe, estes são projetados em outras figuras que se assemelham à sua função. E as madrastas não só se assemelham, mas se misturam com a figura materna ao mesmo tempo em que se contrapõem a ela (TATAR, 2004, p. 43)

É a criança que deve compreender que as atitudes, os hábitos, os desejos da bruxa-madrasta são errados e maléficos a sua existência e, em uma tentativa de sobrevivência - que nada mais é do que a superação da força do bem (aspecto que deve ser incentivado sempre nos infantes) sobre o mal – esses sentimentos precisam ser extirpados.

Com isso acentua-se o quanto os contos de fadas, em sua maioria, representam questões voltadas para os dilemas da infância e, nesse sentido, como muitas vezes a relação com a mãe é sempre a primeira que precisa ser negociada, enfrentada, apaziguada, é sobre isso que simbolicamente as narrativas abordam.

3 I AS BRUXAS NOS CONTOS DE FADA

Existem muitas conotações que a bruxa assume nos contos: a de lançar maldições é uma delas, como em A Bela Adormecida e também em A Bela e a Fera. Na primeira versão deste último conto, escrita em 1740, por Madame de Villeneuve, o príncipe, gabando-se de ser belo e jovem, recusa se casar com a fada velha que o havia criado, por isso ela

o amaldiçoa transformando-o em uma fera. Na versão de 1756, escrita por Madame de Beaumont, o príncipe é condenado a transmutar-se em uma fera por uma fada. Quando a bela decide desposá-lo, ele transfigura-se no belo príncipe e declara: “uma fada má me condenou a viver sob aquela forma até que uma bela moça aceitasse me desposar”. Assim só o casamento torna a relação amorosa permissível e redime o pecado a partir de sua consagração pelo sacramento do matrimônio. Nas duas versões a fada má castiga o belo príncipe pela vaidade excessiva e o torna prisioneiro daquilo que ele mais odeia: uma aparência desagradável.

A maldição em *A Bela Adormecida* também é apresentada, conforme a versão dos irmãos Grimm, por um ato de vingança: como a fada não havia sido convidada para o batizado, ela vocifera: a criança quando completar quinze anos espetará o dedo em um fuso de uma roca e morrerá. Essa maldição é apaziguada pela última fada que altera a morte prevista pelo sono de cem anos. O conto *A Bela Adormecida* é um dos mais antigos que se conhece e como alcançou muito sucesso, os contadores, ao longo dos anos, sempre reconstruíram a narrativa.

Em uma das mais antigas versões escrita por Giambattista Basile, em 1634, antes mesmo da de Charles Perrault, em 1697, a bela dama adormece por furar o dedo em uma farpa de cânhamo. Algum tempo depois um rei a encontra adormecida e copula com ela. Após nove meses, dá a luz a um casal de crianças e acorda. A partir daí o conflito da trama se tece entre essa mãe com dois filhos e a esposa do rei que a havia engravidado. Quando Perrault recontou a história, ele acrescentou elementos mágicos à narrativa: como o sono de cem anos e a cena do batizado em que a maldição é lançada. Na versão registrada pelos irmãos Grimm, a maldição de furar o dedo ganhou mais destaque, acentuando o tom da conotação sexual: não importa o quanto se evite, o despertar sexual, simbolizado pelo sangue do dedo furado, é inevitável.

Nesses dois contos, a maldição é resultado de uma reprimenda: ou pela vaidade excessiva do príncipe em não querer casar com a fada velha, ou pelo esquecimento em não convidar a fada para o batizado. A desobediência aos sacramentos religiosos, de certo modo, conduzem ao castigo. A maldição, no entanto, não é apenas uma punição, mas uma admoestação que pretende marcar cruelmente os dois, o príncipe e a princesa, em condenações: tornar-se uma fera e dormir por cem anos, penalidades absolvidas a partir da chegada de alguém que os redime de seu pecado: a jovem que vê além do aspecto físico e o príncipe que se apaixona pela bela adormecida.

Além da alegoria à mãe que amaldiçoa os atos desprezíveis, os contos de fadas abordam outras representações da bruxa. Em *Cinderela*, a trama aborda a rivalidade da madrasta e suas filhas com a enteada órfã

Cinderela é uma criança em luto pela mãe, como seu nome nos diz; suas vestes penitenciais são as cinzas, sujas e inferiores como a pele de um jumento ou um casaco de capim, porém mais particularmente o sinal da

perda, o símbolo da mortalidade (...). Cinderela com seus andrajos, com sua roupa de luto e cinzas, é uma filha que não para de chorar a perda que sofreu. (WARNER, 1999, p. 238)

Nessa narrativa bastante antiga, a madrasta não chega a transformar-se em bruxa, mas, simbolicamente, representa os dois lados presentes da figura materna: antes de casar com o rei, aparenta ser ótima mãe para a princesa órfã, sendo este um dos principais motivos que favorecem o casamento, mas após a morte do rei, a madrasta revela-se egoísta e dissimulada, excluindo a órfã de todo conforto e privilégio e transformando-a em uma serviçal, a fim de afastar a princesa de sua real condição: delicada, bonita e bondosa.

Não tolerava as boas qualidades da enteada, que faziam suas filhas parecerem ainda mais detestáveis. Encarregava-a dos serviços mais grosseiros da casa. Era a menina que lavava as vasilhas e esfregava as escadas, que limpava o quarto da senhora e os das senhoritas suas filhas. Quanto a ela, dormia no sótão numa mísera enxerga de palha, enquanto as irmãs ocupavam quartos atapetados, em camas da última moda e espelhos onde podiam se ver da cabeça aos pés. (TATAR, 2004, p. 57)

No entanto, enquanto a madrasta passa a assumir o papel de uma mãe ruim, surge, na narrativa, a fada madrinha, que protege a Cinderela e por isso simbolicamente representa a mãe boa: é ela quem veste a princesa para o seu primeiro baile e lhe diz que não deve demorar a voltar.

Outra madrasta que se indis põe com a enteada, mas em um nível muito mais perturbador é a de Branca de Neve que possui inveja da beleza da donzela, no conto registrado pelos irmãos Grimm. Para livrar-se da rival e apropriar-se de sua beleza, a rainha má manda que o caçador leve a menina à floresta para executá-la e depois traga os pulmões e o fígado como prova. Como o caçador apieda-se e não a vitima, ele leva o coração de um javali na tentativa de enganar a mandante. Então: “o cozinheiro recebeu instruções de fervê-los na salmoura, e a perversa mulher os comeu”. (GRIMM). Esse ato canibalesco explica-se pelo desejo da rainha que, enciumada pela beleza de Branca de Neve, pretendia possuir o encanto da suposta vítima, comendo seus órgãos internos.

Além desse episódio tenebroso, que revela a inveja doentia da rainha, o espelho é um objeto mágico que a todo instante reforça essa crueldade: ele anuncia que a beleza da rainha é grande, mas não superior a de Branca de Neve. Na verdade essa voz do espelho pode ser compreendida como uma voz do subconsciente da própria rainha por saber que mesmo ela sendo muito bela, outra beleza mais nova está surgindo, o que é o mote de seu ciúme.

Depois de duas tentativas fracassadas com o pente e o cinto de fitas a rainha confecciona a maçã envenenada, pinta o rosto, veste-se como uma camponesa e vai até a casa dos anões para a terceira investida. A maçã fora produzida de forma muito ardilosa: o lado vermelho estava envenenado e o branco, não. A madrasta, para enganar a donzela, come o lado branco e dá o vermelho para Branca de Neve dar a mordida fatal. Após a

queda da menina, a rainha exclama em gargalhadas: “branca como a neve, vermelha como o sangue, negra como o ébano”. A mesma frase proferida pela mãe de Branca de Neve, quando desejou ter um filho. A repetição dessa sentença retoma a concepção de que a mãe e a madrasta representam os dois lados da maternidade compreendidos pela criança: o lado bom na fala da mãe, quando se anuncia a vida, e o lado negativo, na fala da madrasta, quando Branca de Neve falece.

Bruno Bettelheim, ao analisar o conto à luz da psicanálise destaca os conflitos pubertais da Branca de Neve: a narrativa mostra o quanto a chegada dos desejos não pode ser contida. Por mais que os anões protejam a donzela, do mesmo modo que o pai da Bela Adormecida fez ao retirar todas as rocas do reino, a experiência sexual vai acontecer, é inevitável, por isso a necessidade da personagem de estar enfeitada, para tornar-se mais atraente. Ressalta-se exatamente neste ponto, mais uma vez, o conflito da figura da mãe má: que na medida em que amadurece vai deixando de ser tão sexualmente interessante quanto sua filha, na flor da idade.

Ainda há outro conto que ressalta bem esses desejos instintivos: Rapunzel. Nessa história a bruxa representa a mãe que não suporta os encantos e a chegada da sexualidade da menina e a isola em uma torre para manter o controle sobre ela. O conflito entre a figura da mãe, simbolizada pela bruxa, e a donzela se dá pela atitude possessiva da mãe que vê o crescimento de Rapunzel e o desejo pelo jovem príncipe como um abandono.

É uma relação diferente da apresentada em Branca de Neve, enquanto a mãe de Rapunzel quer a filha só para si, a mãe-madrasta de Branca de Neve tem inveja da beleza recém-despertada da filha. No entanto, há também a presença do desejo sexual: em uma versão, Rapunzel, mesmo a contragosto da bruxa protetora, engravida do príncipe. Enquanto o sexo prematuro condena Branca de Neve a um sono profundo, Rapunzel é castigada a vagar pelo deserto e o príncipe perde a visão ao furar os olhos nos espinhos.

A gravidez de Rapunzel foi encoberta na versão dos irmãos Grimm, mas ainda se nota traços das escapulidas sexuais dela, pois depois de várias visitas do príncipe à torre, Rapunzel pergunta à feiticeira: “Diga-me, Mãe Gothel, por que é tão mais difícil içar a senhora do que o jovem príncipe? Ele sobe até aqui num piscar de olhos”. A resposta a essa pergunta recai exatamente no desejo. Como ela teria prazer com o príncipe, obviamente, içá-lo não era sacrifício algum.

No início da narrativa, como a mãe biológica furta os raponços da horta da bruxa, ela é obrigada a entregar a pequena Rapunzel para a feiticeira. Desse modo, a maldade da figura materna passa a ser apresentada pela bruxa:

A madrasta e a mãe são personagens conexas, porque ambas querem a satisfação de seus desejos num esquema de tudo ou nada, vida ou morte. a mãe biológica exige a verdura, sob ameaça de morrer, levando consigo a criança para o túmulo. Já a bruxa ama sua filha, mas somente se esse afeto lhe for exclusivo. Sentindo-se traída, expulsa aquela a quem tanto se dedicou,

convencida de que não lhe serve mais; de certa forma, é como se para ela Rapunzel tivesse morrido. Unidas pela intransigência de seus desejos, essas duas personagens maternas podem ser compreendidas como uma só. O processo do conto vai num crescente isolamento da filha com a mãe até a separação radical, deixando bem claro que fora da torre uterina só há um deserto. Essa mãe, além de querer a filha totalmente para si, quer crer que é tudo para ela. (CORSO e CORSO, 2006, p. 65)

A longa citação retoma a concepção da bruxa como o lado maléfico da mãe. Essa relação complexa entre mãe e filha já analisadas em Cinderela, Branca de Neve, A bela adormecida, A bela e a fera e Rapunzel, parece mais bem multifacetada nas personagens que representam simbolicamente a mãe no conto O mágico de Oz. Na narrativa, quando Dorothy é transportada por um tornado de Kansas ao mundo mágico de Oz, sua casa cai em cima da bruxa malvada do leste, matando-a, por isso todos do vilarejo perguntam se a menina já é uma bruxa poderosa, e ela diz que não. Apesar do fim dessa bruxa há ainda a bruxa malvada do oeste que aterroriza a todos. Chega, então, a bruxa boa do norte e dá a menina os sapatinhos de prata da bruxa morta.

O que Dorothy quer é voltar para sua terra, para a proteção e segurança de sua família, mas como é um conto de amadurecimento, ela precisa passar por essas aventuras para se desenvolver. O soterrar da primeira bruxa representa a morte da mulher-mãe necessária quando a menina começa a crescer. O descarte da casa simboliza a troca do corpo de menina para o corpo de mulher, quando, muitas vezes, a menina tem de partir. A bruxa boa, ao dar os sapatinhos para Dorothy não diz como ela deve proceder, ela apenas oferece os instrumentos, sem poder determinar os primeiros passos, comum nas relações entre mãe e filha.

A bruxa malvada, que é enfrentada na narrativa, tem que morrer. As duas, ela e Dorothy, não podem coexistir na história, pois à medida em que a menina vai se desenvolvendo e ganhando os seus poderes (sedução, menstruação, mudança no corpo, possibilidade de gestação...), a mãe vai perdendo os delas, pela idade que se avança. Escravizar a menina Dorothy representa uma tentativa de parar no tempo e não envelhecer, o que toda mãe almeja. No final, o encontro com a última bruxa boa serve para Dorothy aprender que o caminho para a própria maturidade é traçado por ela mesma, quando a bruxa revela que a chave para a menina voltar para a casa está nos sapatos que ela está calçando. Desse modo, há duas manifestações do lado negativo da mãe, que tentam impedir o desenvolvimento da menina, enquanto há duas bruxas boas que representam simbolicamente o lado positivo da maternidade, influenciando adequadamente para a maturidade da futura mulher.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

A madrasta perversa - transfigurada ou não na feiticeira vestida de negro com seus

elementos simbólicos de poder e mistério - tem muito mais complexidade nos contos de fadas do que muitos outros personagens, isso por que não é preciso de um motivo para ser bom, mas para que a vilania seja convincente, ela requer profundidade, por isso seja o ciúme da beleza de Branca de Neve, o castigo em A Bela Adormecida e em A Bela e a Fera, a possessão materna em Rapunzel ou a vaidade em Cinderela, essas mulheres más representam simbolicamente as forças com as quais se é preciso não apenas lutar, mas vencer e superar.

Desse modo, quando as crianças se deparam com essas forças, elas passam a enfrentar, inconscientemente, os dilemas mais internos que estão ou estarão presentes em seu desenvolvimento. A bruxa-madrasta representa o lado materno que muitas vezes coíbe, sufoca ou impede o amadurecimento da criança e, exatamente por isso, é preciso transpor.

E para ter a certeza de que os dilemas foram superados, a bruxa precisa morrer, mas não apenas desaparecer de modo brando ou indolor. Se o lado negativo da maternidade foi destruído, ele precisa ser erradicado de modo horrendo, para se ter a certeza de que sua volta é improvável. É por isso que a feiticeira de Branca de Neve é condenada a calçar sapatos de ferro e dançar no fogo até desaparecer por completo.

Como esse tratamento para os dilemas infantis é passageiro, a criança sente vontade de ler novamente a mesma narrativa para, ao ver a bruxa ser mais uma vez castigada, restaurar sua capacidade de dirimir as dúvidas e recuperar sua parte positiva para o amadurecimento adequado, sem traumas e conflitos.

REFERÊNCIAS

BETTELHEIM, Bruno. **A Psicanálise dos Contos de Fadas**. São Paulo: Paz e Terra, 1980.

CASHDAN, Shedon. **Os 7 pecados capitais nos contos de fadas**. Rio de Janeiro: Campus, 2000.

CORSO, Diana Lichtenstein; CORSO, Mário. **Fadas no Divã**. Psicanálise nas Histórias Infantis. Porto Alegre: Artmed Editora, 2006.

RADINO, G. **Contos de Fadas e a Realidade Psíquica: A importância da Fantasia no Desenvolvimento**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

TATAR, Maria. **Contos de Fadas: edição comentada e ilustrada**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2004.

WARNER, Marina. **Da fera à loira**. Sobre Contos de Fadas e Seus Narradores. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Amor 5, 7, 17, 19, 20, 34, 35, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 76, 86, 87, 89, 90, 97, 100, 101

Artes Musicais 71

Artes plásticas 71, 72, 75, 77

B

Bruxa 5, 8, 47, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117

C

Classe Social 5, 52, 53

Criação Coletiva 5, 92, 94, 95, 99

Crise 58, 78, 80, 81

Cultura 5, 8, 28, 33, 36, 65, 66, 72, 73, 74, 87, 92, 93, 94, 95, 99, 101, 107, 127, 132, 140, 141, 147, 148

D

Dialogismo 5, 128, 130, 142

Discurso 5, 8, 3, 6, 9, 12, 13, 16, 23, 37, 46, 47, 50, 82, 83, 88, 92, 98, 99, 100, 121, 129

Dominação 1, 14, 20, 21

E

Edificação 59

Ensino 5, 43, 44, 92, 94, 97, 120, 128, 129, 131, 132, 141, 142, 143, 144

Épica 13, 14, 16, 22, 23, 151

Etnia 5, 52, 53, 54, 55, 56, 118, 126, 127

Exílio 5, 27, 34, 38

Experiência 47, 53, 57, 79, 85, 115, 118, 126, 135, 137, 138, 139, 140, 141, 142

Experimentalismo 5, 78, 81, 87, 89, 90

Exploração 5, 1, 2, 3, 6, 8, 10, 11, 120, 121, 131

Exportação 1, 2

F

Família 30, 35, 36, 43, 44, 46, 47, 49, 54, 55, 105, 116, 118, 121, 122, 124

Fenômeno cultural 5, 8, 102, 103, 105, 107

Fontes 23, 71, 72, 82, 87, 143

G

Gênero 5, 28, 37, 43, 52, 53, 56, 66, 75, 78, 79, 80, 81, 87, 92, 97, 98, 118, 122, 125, 126, 134, 140, 146

Guerra 20, 29, 30, 36, 39, 40, 42, 52, 53, 86, 122, 124

H

História 1, 2, 3, 5, 6, 11, 12, 15, 16, 18, 21, 23, 27, 36, 37, 38, 41, 43, 44, 46, 48, 49, 50, 53, 59, 61, 62, 63, 65, 71, 72, 76, 82, 89, 97, 102, 103, 104, 109, 113, 115, 116, 120, 122, 125, 129, 130, 132, 135, 140, 143, 144, 146, 148, 151

I

Intertextualidade 5, 13, 14, 16, 18, 19, 22, 23, 25, 37, 41, 50, 84, 87, 130, 136

Ironia 5, 25, 37, 41

L

Leitor 23, 28, 36, 40, 41, 44, 46, 48, 49, 51, 53, 54, 57, 59, 60, 61, 62, 63, 65, 66, 67, 71, 75, 77, 79, 82, 83, 84, 85, 86, 90, 92, 104, 105, 106, 118, 121, 122, 129, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 147

Leitura 5, 7, 2, 27, 28, 36, 40, 44, 46, 55, 59, 60, 61, 62, 63, 66, 67, 68, 69, 70, 72, 73, 76, 79, 83, 85, 86, 87, 89, 93, 94, 95, 97, 100, 105, 106, 108, 109, 110, 118, 119, 120, 124, 126, 127, 129, 131, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 147

Letramento literário 5, 51, 128, 136, 142, 144

Literatura brasileira 25, 40, 41, 44, 149, 150

Literatura de Cordel 5, 92, 93, 94

Literatura Exigente 25, 28, 29, 40, 41

Literatura Infantil 50, 102, 108, 118, 143

M

Mal 17, 33, 38, 54, 62, 74, 86, 96, 98, 103, 108, 109, 110, 111, 112, 146

Memória 39, 43, 44, 46, 47, 48, 50, 51, 58

Metaficção Historiográfica 5, 25, 28, 37, 41

Mulher 13, 14, 15, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 35, 37, 48, 49, 55, 56, 92, 97, 98, 109, 111, 114, 116, 145, 146, 147, 148, 149

Música 5, 7, 36, 71, 75, 76, 77, 93, 141

O

Ocidente 5, 7, 52, 54, 56, 57, 58, 147

Opressão 5, 1, 3, 4, 7, 8, 9, 23, 98, 148

Oriente 5, 7, 52, 53, 54, 56, 57, 58

P

Paródia 5, 25, 37, 41, 148

Pintura 5, 7, 26, 32, 42, 59, 71, 72, 73, 76

Poder 1, 2, 4, 6, 15, 22, 33, 37, 38, 53, 54, 55, 65, 90, 103, 111, 116, 117, 133, 136, 140

Poesia 16, 28, 30, 36, 38, 39, 71, 72, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 84, 85, 89, 90, 91, 94, 100

Polifonia 5, 25, 28, 31, 37, 75, 78

Preconceito 5, 92, 97, 99

Prosa 11, 16, 28, 36, 41, 44, 46, 79, 80, 81, 82, 83, 85, 90, 91, 99

R

Reflexão 28, 44, 45, 48, 51, 57, 72, 89, 90, 107, 118, 129, 132, 142

Resistência 5, 7, 1, 10, 125, 149

S

Submissão 13, 15, 23, 43, 52, 71, 78, 92, 128

Sujeição 13

Supremacia 52, 58

T

Teoria da literatura 5, 8, 128

Terror 8, 52

Testemunho 5, 1, 2

Tradição Oral 92, 93

Matizes na Literatura Contemporânea 2

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

Atena
Editora

Ano 2021

Matizes na Literatura Contemporânea 2

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

Atena
Editora

Ano 2021